

O crítico Norman Friedman criou um sistema de gêneros cinematográficos que ao invés de compartimentar, propõe um diálogo com a estrutura e os valores contidos na narrativa da história. Ao analisarmos a série brasileira *Coisa mais linda* (2019), criados por Heather Roth e Giuliano Cedroni, percebemos que a história envolve diferentes gêneros. Robert Mckee já nos alertava sobre esse aspecto: “Gêneros são frequentemente combinados para que seus significados ressoem mutuamente, para enriquecer o personagem e para criar variedades de clima e emoção” (MACKEE, 2018, p. 98).

A série se passa em 1950 na cidade do Rio de Janeiro, cidade símbolo do país do futebol e da musicalidade, aspectos reconhecidos no mundo inteiro. No entanto, encontramos nessa mesma sociedade valores tradicionais, patriarcais e hegemônicos. O início da trama apresenta a personagem Maria Luísa (Maria Casadevall) uma jovem, de família rica e tradicional de São Paulo, que chega no Rio de Janeiro para encontrar seu marido que organizava a inauguração de um restaurante na cidade maravilhosa. O primeiro obstáculo é apresentado: o marido fugiu com seu dinheiro e não existe restaurante, apenas um local decadente e abandonado. Os sonhos de um casamento perfeito se desfazem e Maria Luísa se prepara para voltar, derrotada, para a casa dos pais. A cena em que ela queima as roupas do marido é o primeiro momento de ruptura da personagem ingênua e sonhadora do início do episódio para uma Maria Luísa lutadora. Essa ação provoca o encontro com uma personagem importante na trama: Adélia, uma empregada doméstica negra que lhe apoia naquele momento de desespero. Mas, antes de sua provável volta, surge um incidente incitante: um convite da amiga Lígia (Fernanda Vasconcelos) e sua cunhada Theresa (Mel Lisboa) para um passeio de barco para se distrair. Nesse evento, Malu começa a perceber e gostar desse ambiente musical e artístico, com pessoas descoladas, diferentes do seu círculo social em São Paulo. No barco, ela conhece Chico, um músico da Bossa Nova já conhecido pelo grupo. Nesse evento, além de demonstrar interesse pelo cantor, Malu protagoniza uma outra cena de ruptura: depois de beber, já alterada, a personagem se joga em um mergulho no mar do alto do mastro do navio. Essa cena, além de ser vista, simbolicamente, como um momento de renovação provocado pelo banho de mar, funciona como metáfora das atitudes futuras da personagem: ela irá literalmente se *jogar* e lutar para conseguir seus objetivos.

Quais são esses objetivos? A personagem vive conflitos externos: o marido a abandona e o pai quer que ela volte para São Paulo, ou seja, ela enfrenta uma sociedade machista na qual a mulher só existe a partir de suas funções como mãe, esposa e filha. Nesse sentido surge seu conflito interno que é a busca por sua identidade. Nesse episódio, ao enfrentar o pai e ela demonstra que está disposta a buscar e lutar por essa identidade. Por esse motivo podemos associar a série a uma *trama de provação*, na qual mostram histórias “sobre a força de vontade contra o desejo de se render”. (MACKEE, 2018, p. 88). A personagem poderia ter voltado para o conforto da casa dos pais e para perto de seu filho, mas o que estava em jogo era a perda de sua identidade

como mulher. Ao buscar sua liberdade, a personagem direciona a série para uma outra denominação: o *drama social*. A história das quatro mulheres que veremos nos episódios seguintes movimentam questões importantes na nossa sociedade: o machismo, o feminicídio e o racismo. Finalmente, podemos dizer que a história de amizade entre as quatro mulheres e a histórias delas com seus namorados, maridos e casos aproximam a série do gênero *história de amor*. Dessa forma, o conflito e a luta das quatro personagens abordam valores universais: amizade e o amor na luta contra uma sociedade tradicional e injusta.

Referências:

McKEE, Robert. **Story**. Substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro. Curitiba: Arte & Letra, 2006.